

# A formação de palavras em mirandês e a obsolescência linguística / *Mirandese word formation and linguistic obsolescence*

ALBERTO GÓMEZ BAUTISTA  
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

**RESUME:** Preséntense nesta comunicación dalgunos datos axuntaos nos caberos diez años sobre la obsolescencia llingüística nos procesos de formación de pallabres en mirandés. Defínese'l conceutu d'obsolescencia y tenta d'afitase la rellación ente esti fenómeno y la situación sociollingüística na que ta inxerta la llingua mirandesa.

**Pallabres clave:** Llingüística, mirandés, obsolescencia, morfoloxía, formación de pallabres.

**ABSTRACT:** We present in this communication some of the data gathered over the last decade on linguistic obsolescence process in Mirandese word formation. The concept of obsolescence is defined and we try to establish the link between this phenomenon and the sociolinguistic situation in which the Mirandese language is immersed.

**Keywords:** Linguistics, sociolinguistics, mirandese, obsolescence, morphology, word formation.

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal que se procura com este trabalho é estudar os processos de formação de palavras em mirandês e analisar em que medida a situação sociolinguística na qual está imerso um idioma pode afetar a sua estrutura interna e, no caso concreto, os processos de formação de palavras. Em segundo lugar, pretende-se medir, dentro do possível, o grau de obsolescência, nos casos em que esta se tenha produzido.

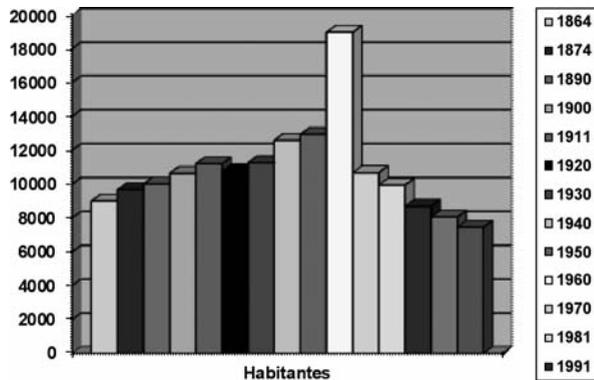
A formação de palavras em mirandês tem recebido escassa atenção por parte dos investigadores, uma situação que se tem agravado devido à quase inexistência de bibliografia sobre a própria língua mirandesa. Embora, haja algumas referências (geralmente sucintas) à formação de palavras em mirandês em obras de José Leite de Vasconcelos, Ramón Menéndez Pidal, Fritz Krüger, Amadeu Ferreira, Xavier Frías Conde, Bárbolo Alves, Cristina Martins e Aurelia Merlan (ver bibliografia). Esta investigação pretende preencher, em parte, essa lacuna. Por outro lado, achamos que é imprescindível relacionar o contexto sociolinguístico

com os processos de formação de palavras, porque, importa saber até que ponto a menorização de uma língua é observável internamente, em que medida os processos de formação de palavras são afetados pela situação de contacto entre duas línguas e até que ponto esses processos e as suas consequências podem permitir medir a vitalidade ou a debilidade do idioma objeto de estudo. Quanto à situação sociolinguística do mirandês havemos de salientar os seguintes aspetos:

- O mirandês é uma língua românica, pertencente ao diassistema asturoleonês, que conta com um número de falantes que oscila entre as 6.000 e as 10.000 pessoas, todos eles bilingues pois são também falantes de português. O idioma vive numa situação de diglossia ampla, em que a língua dominante, o português, é utilizada nas situações mais formais e o mirandês, nas situações informais. Todavia, de algum tempo a esta parte, estas duas línguas têm irrompido em espaços funcionais nos quais não era costume utilizarem-se (por exemplo, o mirandês está a ser utilizado para a criação literária, sobre todo na última década, e o português por sua vez está a substituir cada vez mais o mirandês no âmbito familiar).
- A perda de território e de falantes que o mirandês tem sofrido, sobretudo desde a década de 1960, assim como a menorização e o facto de ter permanecido alheio aos processos históricos que têm sido determinantes na configuração das línguas de cultura europeias (nomeadamente, o Renascimento e a Ilustração), indubitavelmente têm marcado a história do idioma.

Figura 1. Evolução demográfica do Concelho de Miranda de l Douro segundo os dados do INE de Portugal (1860-2011)<sup>1</sup>

Ano	n.º de habitantes
1864	9004
1874	9664
1890	10009
1900	10639
1911	11208
1920	10788
1930	11272
1940	12584
1950	12944
1960	18972
1970	10680
1981	9948
1991	8697
2001	8048
2011	7462



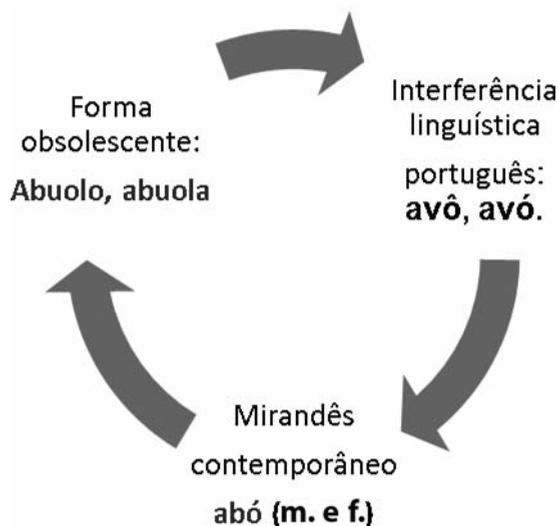
<sup>1</sup> Note-se que nem todos os habitantes do concelho falam mirandês, que ficam de fora as localidades mirandófonas situadas no concelho de Vimioso, e que há muitos mirandeses residentes fora da sua terra.

- Na nossa opinião, apesar da hostilidade dos poderes políticos e religiosos para com os falantes e do desprezo de boa parte da intelectualidade portuguesa, o idioma tem sobrevivido graças à forte consciência linguística dos seus falantes e ao facto do mirandês estar inserido num espaço linguístico más amplo (o domínio linguístico asturo-leonês) cujos habitantes compartiam língua e mantinham um bom relacionamento do ponto de vista económico e social (estamos a referir-nos, em concreto, às populações das comarcas espanholas de Sanabria, Sayago e Aliste). Além disso, a situação de diglossia na qual se usava cada idioma, sem interferir nas funções do outro e com campos de aplicação muito bem definidos, foi um dos fatores que contribuiu de forma decisiva para a sobrevivência do mirandês, sobretudo se tivermos em linha de conta que o uso do português nos registos mais codificados era suficiente para a afirmação do Estado português e de outras instituições.
- A fronteira teve também a sua importância na diferenciação e autonomia do mirandês a respeito das variedades asturo-leonesas que permaneceram nos reinos do ocidente peninsular. Se, por um lado, se fez notar o cunho do português no mirandês, a fronteira também preservou o idioma, pois as outras variedades asturo-leonesas vizinhas acabaram por sucumbir perante o espanhol.
- Por último, desde 1999, têm vindo a produzir-se mudanças importantes na situação sociolinguística do mirandês graças ao seu reconhecimento jurídico, à consolidação do processo de normalização (devido, sobretudo, à Convenção e ao incremento exponencial da produção literária) e da inclusão do mirandês no sistema educativo da região. Estas mudanças têm dado lugar a um aumento notório do prestígio do idioma, que se tinha mantido circunscrito exclusivamente à esfera da oralidade até 1882, quando José Leite de Vasconcelos começou a sua investigação.

## 2. A OBSOLESCÊNCIA LINGUÍSTICA

Em linguística, entende-se a obsolescência como a desapareção de um elemento linguístico (uma palavra, uma expressão, um morfema, etc.), ou, também, dum idioma que é substituído por outro; por exemplo, o gaélico irlandês é uma língua obsolescente, pois está a ser substituída pelo inglês (Matthews 1997: 253). Neste trabalho, o termo «obsolescente» usa-se para designar o fenómeno pelo qual uma determinada forma linguística deixa de utilizar-se, fica obsoleta, e acaba por ser substituída por outra.

Figura 2. A obsolescência linguística



### 3. A OBSOLESCÊNCIA LINGUÍSTICA NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM MIRANDÊS

Após um exame exaustivo<sup>2</sup> dos processos derivativos chegamos às seguintes conclusões:

**3.1.** A imensa maioria dos prefixos patrimoniais é de origem latina. Porém, foram registados alguns prefixos cultos greco-latinos; observámos, no entanto, que o uso destes últimos, os greco-latinos, é ainda escasso em mirandês, em particular por causa da reticência do seu emprego, apesar de sua utilização contar já com alguma tradição em outras línguas românicas.

**3.2.** Alguns dos prefixos mirandeses apresentam vários alomorfes sem que tenhamos encontrado razões manifestas para tanta variação. Esta enorme variabilidade, inexistente noutras línguas românicas vizinhas (*alte-*, *alto-*, *alte-*, *alti-*, *alta-*; *alte-*, *auto-*, *outo-*; *anti-*, *antu-*, *ante-*; *arqui-*, *arce-*, *alci-*; *cun-*, *cum-*, *cus-*;

<sup>2</sup> Para obter os dados que aqui se apresentam servimo-nos dum corpus de textos em língua mirandesa que abrange textos orais e textos escritos (de 1884 até 2011) recolhidos na antologia de autores trasmontanos *A Terra de Duas Línguas. Antologia de Autores Transmontanos*, organizada por Ernesto Rodrigues e Amadeu Ferreira (coords.) (2011: 437-543). O ponto 3.7 foi elaborado a partir de dados obtidos da tradução de *Os Lusíadas* de Amadeu Ferreira, em concreto do Prefácio/*Antrada* e do *Canto Purmeiro*. Para os exemplos do ponto 3.11 nos baseamos na entrevista de Amadeu Ferreira a Miguel Sales Dias (13/01/2011): «Zambolbimiento de recursos lhenguísticos fundamentais pa la lhéngua mirandesa (1)», en *Froles Mirandesas*, [bitácora].

Disponível en Internet: <http://frolesmirandesas.blogspot.com/2011/01/zambolbimiento-de-recursos.html> [consulta 16/10/2014].

*extra-, -stra-; per-, pre-, pur-, por-; s-, ei-, eis-; tele-, tel-, teli-, ter- y z-; z-, ç-; etc.*), talvez se possa explicar, na nossa opinião, pela falta de uma norma consolidada, e de instituições que unifiquem critérios e proporcionem orientações a respeito dos usos mais aconselháveis. Além disso, a flutuação na escrita dificulta a análise dos prefixos, por exemplo, a presença ou ausência do hífen quando se trata de escrever os prefixos *mal-*, *bien-* ou *extra-*, pois não há regras claras sobre a sua utilização. Resta ainda acrescentar que o sistema fonológico mirandês exerce, por vezes, uma enorme pressão sobre alguns prefixos, até ao ponto de originar formas como *abangelizar* frente a *eibangelizar*, ou a alterações fonéticas que se produzem ao mudar o lugar do acento em algumas palavras (*contral/cuntra* o *alte/outo*; as primeiras são as formas tónicas e as segundas, as átonas).

3.3. É ainda de assinalar que, apesar da pressão que o português exerce sobre o mirandês, consideramos que, em geral, no que diz respeito à formação de palavras por derivação, o mirandês goza de autonomia frente à língua dominante, mantém muitos dos traços asturo-leoneses (*pensatible* ['pensativo']) e uma sólida estrutura interna. Têm-se ainda registado exemplos em que o idioma revela bastante especificidade frente às línguas vizinhas (*malcuntento* ['descontente']).

3.4. De todos os processos que existem em mirandês para criar novas palavras, o mais importante, do ponto de vista quantitativo, é, sem dúvida, a derivação mediante o uso de sufixos. Não obstante, cumpre sublinhar que a sufixação já existia em latim, e que em mirandês, tal como noutras línguas românicas, produziu-se uma ampliação de significados e estendeu-se consideravelmente o uso dos sufixos do latim. Nesse sentido, documentámos à volta de 150 sufixos (alormorfes incluídos), a maioria de origem latina, mas também oriundos de outras línguas (por exemplo, do grego: *-ma*, *-ite*, etc.; de origem pré-romano: *-anco/-anca*, *-asco*, *-orro*, etc.; ou do germânico: *-engo*; entre outros). Por último, devemos assinalar que, em alguns casos, na formação de um sufixo confluem vários étimos (*-an*, *-ico*, etc.).

3.5. Documentam-se casos em que o contexto sociolinguístico pode afetar à morfologia derivativa do mirandês. É o caso dos sufixos *-inho* e *-ilho*, que são, na nossa perspectiva, formas importadas do português e do espanhol, respetivamente. Estamos perante casos que nos devem alertar, por se tratarem dos primeiros sinais de obsolescência linguística. Por outro lado, há casos em que a orientação evolutiva exercida pelo português tem erradicado quase completamente as formas patrimoniais mirandesas. É o caso do sufixo *-era*, documentado em etapas iniciais do idioma, que tem sido substituído na maioria dos casos por *-eira*, não obstante, *-eiro*, *-eira* também se documentam em outras variedades asturo-leonesas, o que coloca várias questões: Estamos perante uma tendência evolutiva do galaico-português face ao asturo-leonês ou é um fenómeno asturo-leonês que acabou por se impor também no mirandês? ou tratar-se-á, pelo contrário, de um problema de transcrição dos copistas? Outro caso é o de *-algo*,

conservado apenas em palavras como *cabalheiralgo*, mas hoje improdutivo como sufixo. É de referir, por último, que o sufixo com mais vitalidade e produtividade e o mais característico do mirandês é *-ico*.

**3.6.** Observámos no nosso estudo que há alguns afixos que apresentam uma maior tendência a amalgamarem-se com outros afixos, como é o caso de *-asco* (*carrasquito*) ou de *-eiro* (*spadeirada*, *oulmeirica* o *silbeiron*).

**3.7.** O fato do idioma ter estado à margem dos grandes processos de renovação cultural da História até há bem pouco tempo deixou marcas na sua estrutura e na formação de palavras, sobretudo no que diz respeito à adaptação de cultismos. Lembremos, por exemplo, o caso das palavras cultas como *sustentar*, que em mirandês tem aceções mais reduzidas que nas línguas vizinhas e que recorre, muitas vezes, a outras formas e giros populares para expressar alguns significados desta voz. Um outro exemplo encontra-se no advérbio espanhol e português *magnanimamente*, cujo equivalente mirandês é a locução *de modo mui lhiberal*. Assim sendo, a maioria dos afixos cultos têm uma produtividade ainda limitada em mirandês se os compararmos com o que acontece em espanhol ou em português. É o caso, por exemplo, das formações com *-ismo*, que se reduzem a *budismo*, *crestianismo*, *houmanismo*, *portestantismo* e *socialismo*, enquanto que em espanhol se registam uns 700 derivados formados com *-ismo* (Pharies 2002: 356).

**3.8.** Por outro lado, o mirandês espelha na especificidade de alguns sufixos o carácter eminentemente rural, de idioma do campo, que já lhe foi atribuído por José Leite de Vasconcelos. Assim acontece, por exemplo, quando o sufixo *-eira* exprime mensura e serve para designar uma etapa do desenvolvimento ainda incipiente de uma árvore (*carbalheira*, *carrasqueira*, *frezneira*, *nebreira*, *oulmeira* o *salgueira*), frente a *-eiro*, que se junta a árvores de fruto (*albricoqueiro*, *almexeneira*, *maçaneira*, *meligraneira*, *morconeiro*, *pereira*, *perxigueiro* o *oulibeira*).

**3.9.** É conveniente referir que as formações parassintéticas são cada vez mais frequentes em mirandês e que, entre os afixos descontínuos, há dois que destacam pela sua frequência: *an-...-ar* (assim como o seu alomorfe *am-...-ar*, por exemplo *anraizar*, *ambernizar*, etc.) e *a-...-ar* (*arrabonar*, *abibar*, *acantiar*, etc.), pois ambos os dois formam parte de quatro de cada cinco dessas formações registadas na nossa contabilidade (*am-...-ar* em 8,33% dos casos; *an-...-ar* em 28,12%; e *a-...-ar* em 44,78%).

**3.10.** No que diz respeito aos processos compositivos cabe destacar duas ideias fundamentais. Em primeiro lugar, a composição é um processo que, embora já existisse nas etapas iniciais da formação do mirandês e em latim, tem aumentado a sua produtividade significativamente com o decorrer do tempo e tem-se vindo a consolidar como o segundo procedimento mais utilizado, imediatamente após a derivação. Constatámos que a maior dificuldade no momento de analisar

estes processos é tentarmos delimitá-los, sobretudo quando se trata de estabelecer a fronteira entre a derivação e a composição. Por esse motivo, foram estabelecidos uma série de critérios que, na maioria dos casos, têm permitido distinguir entre derivação e composição e, dentro de cada um destes procedimentos, entre as diferentes subcategorias. Também, no caso da composição, ao procedermos a uma análise mais aprofundada, temos observado que se colocam alguns problemas quando se procede à classificação dos tipos de compostos, especialmente quando se trata de distinguir os compostos sintagmáticos dos sintagmas livres. Contudo, e ainda que os critérios assinalados sejam muito úteis, chegámos à conclusão que há formações que dificilmente encaixam na derivação ou na composição. Além disso, dentro de cada processo de formação de palavras, há casos que não reúnem as características referidas para cada subcategoria e que mereceriam uma análise mais aprofundada e singularizada. Apesar da formação de palavras por composição estar a ser objeto de maior atenção e de ser cada vez mais utilizada em mirandês, é um processo menos produtivo, como na generalidade das línguas romances, se o compararmos com o que se verifica em outras línguas como, por exemplo, o inglês ou o alemão. No que toca aos processos compositivos, também documentámos traços comuns a outras variedades asturo-leonesas (como a elisão da preposição *de* no genitivo: *abe-rapina*). Não obstante, devemos sublinhar que nas formações mais modernas aparece normalmente a preposição *de*.

Noutra ordem de ideias, convém referir que a orientação evolutiva não é apenas direcionada de um sistema linguístico sobre um outro, mas que também pode produzir-se entre os elementos que configuram um mesmo sistema linguístico. Pensamos que é isso o que acontece nos compostos como *meligrana*, no qual a base *meli-* se assemelha ao prefixo *meli-*, e que quiçá tenha sofrido a influência deste, já que *meligrana* provém do latim *malum granātum*. Os compostos como *spreita-cielos* ilustram, na nossa opinião, a forma como a situação das línguas em contacto tem consequências na evolução das mesmas, não apenas pelo decalque das opções da língua dominante, mas também por tentar afastar-se deliberadamente daquela (neste caso, segue o modelo de uma outra palavra mirandesa, *miracielos*). De resto, encontramos com frequência vacilações e incoerências gráficas na escrita deste tipo palavras com a mesma estrutura compositiva [V + S] (*spreita-cielos* mas *miracielos*), isto é, observa-se o uso do hífen de uma forma um tanto arbitrária: por exemplo, *fin de sumana* frente a *fiel-de-la-tierra*. Nalguns casos, também se registam duas formas da mesma palavra usadas indistintamente, uma aglutinada e a outra separada: *quatrocientos* ou *quatro cientos*, *quaijeque* ou *quaije que*.

**3.11.** Podemos afirmar que o que acontece em mirandês no que diz respeito à formação de palavras por encurtamento contrasta com o que se verifica noutras áreas da formação de palavras. Observa-se, em particular em fenómenos como a

acronímia, as abreviaturas e as siglas, que o grau de obsolescência é considerável nesta língua. De facto, quase não existem siglas nem abreviaturas formadas em mirandês (apenas *ALM* y *A&Z*). Este aspeto mostra algumas das fragilidades do idioma; são carências que, noutros âmbitos da formação de palavras, têm vindo a serem ultrapassadas de forma bastante satisfatória. A explicação para esta situação, na nossa opinião, encontrar-se-á no facto dos tipos de documentos e textos produzidos em mirandês são, em grande parte dos casos, de carácter literário, pelo que as siglas e as abreviaturas não são muito utilizadas. Consideramos que uma das grandes limitações da Lei do Mirandês é fruto do artigo 4º, já que apenas permite que as instituições sediadas em Miranda do Douro poderão emitir os seus documentos acompanhados de uma versão em mirandês, restringindo em muito a potencial utilização da língua mirandesa. Na prática, esta disposição tem dois efeitos. Em primeiro lugar, limita-se a possibilidade de produzir documentos, como já referimos, em língua mirandesa às instituições do Concelho de Miranda do Douro. Em segundo lugar, de acordo com esta norma os textos em mirandês serão sempre versões (traduções) de textos em português. Por conseguinte, o português monopoliza a criação de abreviaturas e siglas. Se as instituições redigissem documentos em mirandês e os meios de comunicação social neste idioma fossem uma realidade consolidada, esta área da formação de palavras em mirandês estaria mais normalizada. Na nossa opinião, o caso das abreviaturas e siglas constitui um exemplo de como o planeamento linguístico (ou a ausência deste) e a legislação podem afetar à estrutura interna de um idioma. A ausência de documentos jurídicos escritos originalmente em mirandês e o facto de as instituições com sede no município de Miranda do Douro normalmente não traduzirem os textos para mirandês explica, em boa medida, que o grau de obsolescência seja tão elevado no caso das siglas. Dito de outro modo, representa um sinal do que poderá acontecer noutros domínios do idioma se não se verificar uma mudança de rumo nas políticas linguísticas.

#### 4. CONCLUSÃO

Nesta investigação ficaram patentes as dificuldades que coloca a classificação dos fenómenos relacionados com a renovação do léxico. Ao tratar-se de um fenómeno que atua a vários níveis da língua, muitas vezes em simultâneo, a sua análise torna-se ainda mais complicada. No que diz respeito ao catálogo de processos de renovação do léxico que se caracteriza pelo seu afastamento da divisão clássica, alguns desses processos podem atuar em simultâneo com outros dos processos; é o caso, por exemplo, da recategorização, a gramaticalização e a lexicalização, que por vezes intervém na derivação e na composição. Registámos, também, casos em que o mirandês apresenta certa originalidade na criação novas aceções (*cunceilho*, *retratista* ou *salimientto*, por exemplo). O caso de *salimientto* resulta especialmente interessante já que esta palavra partilha significado com

*lhançamiento*, que parece um decalque da forma portuguesa ‘lançamento’, para referir o ato de apresentação de um livro ou outra publicação. Por outro lado, em mirandês encontramos formações muito originais, como a palavra *quelobreiro* (‘comprido e estreito’, ‘estreito e com muitas curvas’) ou expressões como *fazer la sinagoga* (‘falar mal dos outros’, ‘dar escândalo’, ‘fazer mal’). Também nestes processos deteta-se o cunho asturo-leonês do idioma, por exemplo no uso do adjectivo invariável *burro* (‘burro’) no que parece ser um resto do género neutro que, em mirandês, goza já de pouca vitalidade, mas que ainda está vigente em asturiano (Gramática de la Llingua Asturiana 2001: 89-90).

No que concerne à incorporação de vozes de outras línguas no mirandês, cabe assinalar dois aspetos importantes. Primeiro, manifesta-se de forma evidente o facto do idioma ter estado à margem dos grandes processos de renovação cultural como o Renascimento ou o Iluminismo. Como já se indicou, esse afastamento traduziu-se em ausências no léxico mirandês. Segundo, o mirandês apresenta alguma originalidade na incorporação de certos empréstimos quando comparado com o português e com o espanhol. Isto explica-se porque os mirandeses que emigravam para outras zonas de Portugal e, sobretudo, para França, viam neste último país muitos objetos e realidades que nem existiam na sua terra nem tinham designação na sua língua (mas sim em português), ou porque se incorporaram mais recentemente (por exemplo, em mirandês diz-se *bacanças*, enquanto que em português se usa a palavra *férias*).

De tudo o que foi dito até agora, desejamos sublinhar o facto de o mirandês manter uma forte identidade no que concerne aos processos de formação de palavras. Porém, a língua encontra-se atualmente numa encruzilhada. O mirandês sobreviveu recluso no mundo rural e hoje está-se a produzir uma intensa urbanização do território onde se fala, o que coloca enormes desafios. Por outro lado, a perda de habitantes que ocorre no território mirandófono faz com que perigues a sua continuidade. Haverá que esperar para que a produção escrita seja mais numerosa para poder estudar até que ponto estarão a desenvolver-se processos de obsolescência e substituição linguística nesta esfera. Não obstante, se excetuarmos as abreviaturas, as siglas e alguns casos pontuais noutros processos de formação de palavras (os sufixos *-ilho* e *-inho* ou palavras como *lhançamiento*), podemos afirmar que o mirandês goza de vitalidade e autonomia e que, se bem que é verdade que se têm desencadeado alguns fenómenos de obsolescência linguística, estes ainda se encontram numa fase incipiente e limitam-se aos casos referidos. Por conseguinte, devemos manter uma atitude de otimismo vigilante em relação ao futuro do idioma. Como se depreende da aproximação à formação de palavras em mirandês, constatamos que, a este respeito, o idioma goza de grande vitalidade, pois possui, como se viu, recursos e procedimentos comuns aos das restantes línguas românicas e outros que lhe são próprios. Não obstante, temos observado processos de obsolescência em todos os âmbitos estudados e, co-

mo foi apontado, o caso das abreviaturas e das siglas é especialmente preocupante, embora haja que ter presente que se trata de uma área marginal da formação de palavras, com escassa repercussão no conjunto dos procedimentos de criação de léxico por ser muito pouco produtivo, isto é, gera poucas palavras. Por outro lado, pode concluir-se que, de igual modo que noutras línguas, a derivação, a composição, a abreviação ou encurtamento, a lexicalização e a gramaticalização são processos nos quais se inter-relacionam a morfologia, a fonologia e a sintaxe. Face a quanto antecede, achamos necessária a elaboração de glossários técnicos, a revisão e a atualização dos procedimentos existentes no idioma para a renovação do léxico e a incorporação de vocabulário novo. Se isto for acompanhado de um maior conhecimento do mirandês que se fala na atualidade, será possível compreender o funcionamento da formação de novas palavras, um dos aspetos mais importantes da evolução de uma língua.

Concluindo, com o presente trabalho realizámos uma análise dos processos de formação de palavras em mirandês, sem descurar aspetos pertinentes para a contextualização desses mesmos processos, como a situação sociolinguística do idioma, a sua história ou as línguas à sua volta. Esta investigação quis contribuir para o estudo sincrónico do mirandês, mostrando um cuidado especial em analisar estes processos à luz da pressão que exerce o idioma dominante (o português) sobre o mirandês, e assinala as áreas nas quais a obsolescência linguística está a atuar. Porém, e como consequência da complexidade destes processos (que afetam a morfologia, a sintaxe, a fonologia e, até, a prosódia), achamos que neste âmbito da linguística têm cabimento novas investigações que venham a ampliar e reforçar a análise desenvolvida neste trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

- ACADEMIA DE LA LINGUA ASTURIANA (2000): *Diccionariu de Llingua Asturiana* (DALLA). Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. Disponível em Internet: <http://www.academia-delallingua.com/diccionariu/index.php?cod=30211>.
- (2001): *Gramática de la Llingua Asturiana*. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana.
- (2005): *Normes ortográfiques*. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana.
- ALVAR, Manuel y Bernard POTTIER (1987): *Morfología histórica del español*. Madrid, Gredos, reimpressão da primeira edição de 1983.
- ÁLVAREZ-BALBUENA GARCÍA, Fernando (2001): [Reseña] de: M. Barros Ferreira y D. Raposo (coords.), *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*. Miranda do Douro/Lisboa (...), en *Revista de Filoloxía Asturiana* 1: 232-240.
- ALVES, António Bárbolo (2008): «La lhéngua mirandesa: ancruzelhadas i caminos de l último secl», en José R. Morala Rodríguez (ed.), *Ramón Menéndez Pidal y «El dialecto leonés» (1906-2006)*. León, Instituto de Castellano y Leonés: 295 a 323.
- CAMÕES, Luís Vaz de (2010): *Ls Lusíadas*. Lisboa, Âncora. [Traducción de Francisco Niebro].

- CAHEN, Michel (2009): *Le Portugal bilingue. Histoire et droits politiques d'une minorité linguistique: la communauté mirandaise*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes (Colección Rivages linguistiques).
- CANELLADA, María Josefa (1996): *El bable de Cabranes*. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. [Edición facsímil da primeira edição desta obra (1944)].
- CANO GONZÁLEZ, Ana M<sup>a</sup> (2009): *El habla de Somiedo (occidente de Asturias)*. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. [Edición facsímil da primeira edição desta obra (1981)]
- CARVALHO, José Gonçalo Herculano de (1973a): «Porque se fala dialecto leonês em Terra de Miranda?», in *Estudos linguísticos*, vol. 1, 2<sup>a</sup> ed., Coimbra, Atlântida Editora.
- (1973b): *Teoria da Linguagem*, tomo I. Coimbra, Atlântida.
- (1974): *Teoria da Linguagem*, tomo II. Coimbra, Atlântida.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1984): *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos Foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Lisboa, imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CEOLIN, Roberto (2002): «Um enclave leonês na paisagem unitária da língua portuguesa», in *Ianua, Revista Philologica Romanica* 3. Disponível em Internet: <http://hades.udg.es/romaniaminor/ianua/> [consulta 12/08/2012].
- CRYSTAL, David (2000): *Language Death*. Cambridge, Cambridge University Press.
- (2005): *The Stories of English*. Londres, Penguin Books.
- DIRECÇÃO GERAL DA ADMINISTRAÇÃO AUTÁRQUICA (2004): *Designação Oficial das Freguesias Portuguesas*. Lisboa, Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente. Disponível em Internet: [http://www.dgaa.pt/pdf/freguesias/freguesias\\_parte3.pdf](http://www.dgaa.pt/pdf/freguesias/freguesias_parte3.pdf) [consulta 02/10/2011].
- DORIAN, Nancy (1981): *Language Death: the life cycle of a Scottish Gaelic dialect*. Filadélfia, University of Philadelphia Press.
- DRESSLER, Wolfgang (1988): «Language death», in Frederick J. Newmeyer (ed.), *Language: The sociocultural context*, vol. IV, série Linguistics. Cambridge, The Cambridge University Press: 184-192.
- ETHNOLOGUE: *Languages of the World*. Disponível em Internet: <http://www.ethnologue.com/web.asp> [consulta 09/01/2012].
- EUROMOSAIC (1996): *Producción y reproducción de los grupos lingüísticos minoritarios de la UE*. Luxemburgo, Oficina de Publicaciones Oficiales de las Comunidades Europeas.
- The Euromosaic Study*. Disponível em Internet: <http://www.uoc.edu/euromosaic/web/document/mirandes/an/i1/i1.html> [consulta 28/07/2012].
- FERREIRA, Amadeu (2002): «Statuto jurídico de la lhéngua mirandesa», in *Mercator: Dret i legislació lingüística. Anclabes lhenguístics na Ounion Ouropeia, v Simpósio de Lhénguas Ouropeias i Lhegistrações*, Col.leció CIEMEN: drets lingüístics. Barcelona: 65-86.
- (2005): «L Regalengo de Palaçuolo ne l Seclo XII (Studio de toponímia mediabal i de stória de la lhéngua mirandesa)», in *Brigantia* XXV/3: 32-72.
- (2009): «tele-, tel-, teli- ter-», *Cumbençon Ourtoográfica* [bitácora]. Disponível em Internet: <http://cumbencon2009.blogspot.pt/2009/10/cuido-que-l-porblema-que-pon-cristovao.html> [consulta 16/07/2012].
- (2011): «Zambolbimiento de recursos lhenguístics fundamentais pa la Lhéngua Mirandesa (3)», in *Jornal Nordeste*. Disponível em Internet: <http://www.jornalnordeste.com/noticia.asp?idEdicao=352&id=15145&idSeccao=3162&Action=noticia> [consulta 15/07/2011].

- FERREIRA, Amadeu y Aureli ARGEMÍ (2002): «Ua Ouropa para todas las sues lhénguas», en *Mercator, dret i legislació lingüística. Anclabes lhenguístics na Ounion Ouropeia*, v Simpósio de Lhénguas Ouropeias i Lhegilaçones, Barcelona, Col.leció CIEMEN: drets lingüístics: 9-23.
- FERREIRA, Manuela Barros (1999): «Lição de mirandês. You falo como bós I bós nun falais como you», en Francisco Fernández Rei y Antón Santamarina (eds.) (1999), *Estudios de sociolingüística románica. Linguas e variedades minorizadas*. Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela.
- (2000): «En Torno da Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa», en José Francisco Meirinhos (coord.) (2000): *Estudos Mirandeses. Balanço e orientações. Homenagem a António Maria Mourinho*. Oporto, Granito: 55-67.
- (2001): «A situação actual da língua mirandesa e o problema da delimitação histórica dos dialectos asturo-leoneses em Portugal», en *Revista de Filología Románica* 18: 117- 136.
- (2002) (coord.): «Proposta de Adenda 2», *Sítio de l Mirandês* [bitácora]. Disponível em Internet: <http://mirandes.no.sapo.pt/Pp1.html> [consulta 12/11/2011].
- (2003): «Resposta a uma recensão crítica da Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa en el Blog do Mirandês» (bitácora): Disponível em Internet: [http://mirandes.blogspot.com/2003\\_11\\_01\\_archive.html](http://mirandes.blogspot.com/2003_11_01_archive.html) [consulta 22/10/2014].
- FERREIRA, Manuela Barros y Domingos RAPOSO (1995) (coords.): *Proposta de Convenção Ortográfica Mirandesa*. Miranda do Douro, Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- (1999) (coords.): *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*. Miranda do Douro/Lisboa, Câmara Municipal de Miranda do Douro/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- FERREIRA, Albino J. de Moraes (1898). *Dialecto Mirandez*. Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva.
- FRÍAS CONDE, Xavier (1999): «El sanabrés: caracterización del dialecto», en *Anuario del Instituto de Estudios Zamoranos «Florián de Ocampo»*. Zamora, Diputación de Zamora.
- (2001): *Notes de Lingüística Asturllionesa (Asturiano y Mirandês)*. Xixón, vtp.
- GARCÍA ÁLVAREZ, Antonio (1983): «El dialecto leonés: historia y perspectivas futuras», en *Tierras de León. Revista de la Diputación Provincial*, vol. 23, n.º 53.
- GARCÍA ARIAS, Xosé Lluís (2010): *Toponimia de Teberga*. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2002): *Censos 2001-Resultados Definitivos Norte*. Lisboa, INE. Disponible en Internet: [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_publicacao\\_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub\\_boui=377623&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377623&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1) [consulta 29/11/2011].
- (2011): *Censos 2011*. Datos provisionales disponibles en Internet: [http://www.ine.pt/scripts/flex\\_v10/Main.html](http://www.ine.pt/scripts/flex_v10/Main.html) [consulta 03/12/2012].
- KRÜGER, Fritz (1923): «El dialecto de San Ciprián de Sanabria». *Anejo iv de Revista de Filología Española*.
- (1925): «Mezcla de dialectos», en vv.AA., *Homenaje a Menéndez Pidal*. T. 2. Madrid.
- LANG, Mervyn (2002): *Formación de palabras en español. Morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. Madrid, Cátedra.
- Lei n.º 7/99 de 29 de Janeiro. «Lei do Mirandês», en *Diário da República* de 29 de enero de 1999. Disponível em Internet: <http://dre.pt/pdf1sdip/1999/01/024A00/05740574.pdf> [consulta 22/10/2014].

- LÓPEZ MORALES, Humberto (2004): *Sociolingüística*. Madrid, Gredos.
- MALKIEL, Yakov (1945): «Development of the Latin Suffixes -ANTIA and -ENTIA in the Romance Languages, with Special Regard to Ibero-Romance» en *University of California Publications in Linguistics*, vol. 1/ 4: 41-188.
- MATTHEWS, P. H. (1997): *Oxford Concise Dictionary of Linguistics*. Nova Iorque, Oxford University Press.
- MARTINS, Cristina (1997): «A vitalidade de línguas minoritárias e atitudes linguísticas: o caso do mirandês», en *Lletres Asturianas* 62: 7-42.
- (2008): *Línguas em Contacto, «saber sobre»” o que as distingue*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- (2010): «O mirandês face ao português e o castelhano. Elementos para uma breve caracterização linguística e sociolingüística de um idioma minoritário», en *Lenguas minorizadas de Europa: rasgos distintivos, situación y pervivencia*. Disponível em Internet: [http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina\\_M/ANUARI.pdf](http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina_M/ANUARI.pdf). [consulta 17/09/2012].
- MEIRINHOS, José Francisco (coord.) (2000): *Estudos Mirandeses. Balanço e Orientações. Homenagem a António Maria Mourinho*. Oporto, Granito.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1926): *Orígenes del español (Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI)*. Madrid, Imprenta de la Librería y Casa Editora Hernando.
- (2006): *El dialecto leonés*. León, El Búho Viajero. [Edición facsímil conmemorativa de los cien años de la primera edición de esta obra (1906)].
- MERLAN, Aurelia (2009): *El mirandés: situación sociolingüística de una lengua minoritaria en la zona fronteriza portugués-española*. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana.
- MOURINHO, António Maria (1959): «Diversidades subdialectais do mirandês», en *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos «Leite de Vasconcelos»* promovido pela Junta de Província do Douro Litoral.
- (1959): «A língua mirandesa como vector cultural do Nordeste português», en *Actas das Primeiras Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*. Miranda do Douro, Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- (1984): *Cancioneiro Tradicional e Danças populares Mirandesas*. 1º vol. Miranda do Douro, Imprensa de Bragança.
- NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, María Victoria (1997): «Transferencias morfológicas del castellano a un dialecto de base portuguesa, el barranqueño», en *Revista de Filología Románica* 13: 253-266.
- (1998): «La frontera lingüística hispano-portuguesa: aproximación bibliográfica», en *Madrygal* 1: 81-86.
- (1999): «La frontera lingüística hispano-portuguesa: aproximación bibliográfica», en *Madrygal* 2: 115-116.
- (2000): «Procesos de creación de lenguas fronterizas», en *Revista de Filología Románica* 17: 367-393.
- (2011): *El barranqueño. Un modelo de lenguas en contacto*. Madrid/Lisboa, Universidad Complutense de Madrid/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- PHARIES, David (2002): *Diccionario etimológico de los sufijos españoles*. Madrid, Gredos
- (2004): «Tipología de los orígenes de los sufijos españoles», en *Revista de Filología Española* 84: 153-167.
- QUARTEU, Reis y Xavier FRÍAS CONDE (2002): «L mirandés: ua lhéngua minoritaira an Pertual», en *Ianua, Revista Philologica Romanica* 2: 89-105. Disponível em Internet: <http://www-romaniaminor.net/ianua/Ianua02/02Ianua04.pdf> [consulta 04/08/2012].

- RODRIGUES, Ernesto y Amadeu FERREIRA (2011) (coords.): *A Terra de Duas Línguas. Antologia de Autores Transmontanos*. Braganza, Academia de Letras de Trás-os-Montes/Instituto Politécnico de Bragança/Associação das Universidades de Língua Portuguesa.
- SKORGE, Silvia (1956-1957): «Os sufixos diminutivos em português», en *Boletim de Filologia* XVI: 50-90 y 222-305.
- (1958): «Os sufixos diminutivos em português. (Conclusión)», en *Boletim de Filologia* XVII/fascículos 3 e 4: 20-53.
- TERAO, Satoshi (2010). «Mirandese as an Endangered Language», en *Estudios* 35: 101- 126. [Facultad de Estudios Culturales Internacionales de la Universidad de Kobe (Japón)].
- VASCONCELOS, José Leite de (1882): *O Dialecto Mirandez*. Oporto, Livraria Portuense.
- (1884): *Froles Mirandezas*. Oporto, Livraria Portuense/Claver & Cía.
- (1900): *Estudos de Philologia Mirandesa*. vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional.
- (1901): *Estudos de Philologia Mirandesa*. vol. II. Lisboa, Imprensa Nacional.
- (1929 [1886]): «Lingoas raianas de Trás-os-Montes (Succintas notas)», en *Revista de Estudos Livres*. Lisboa. [Reedición en *Opúsculos* IV. Coimbra, Imprensa da Universidade: 732-738.
- (1929): *Opúsculos IV. Filologia (parte II)*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- (1985): *Opúsculos VI*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- (1987): *Esquisse d'une Dialectologie Portugais*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- VELOSO, João (2000): «O mirandês visto por futuros professores de português», en José Francisco Meirinhos (coord.), *Estudos mirandeses: balanço e orientações. Homenagem a António Maria Mourinho*. Oporto, Granito.
- VERDELHO, Telmo (1995): *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*. Aveiro, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves (1884): «O Evangelho de S. Lucas Traduzido em Língua Mirandesa», en *Revista de Educação e Ensino* año IX: 151-152.
- VIGÓN ARTOS, Secundino (2000): «El mirandés nel Cuadro de les Llingües Peninsulares», en José Francisco Meirinhos (coord.), *Estudos mirandeses: balanço e orientações, Homenagem a António Maria Mourinho*. Oporto, Granito: 77-83.
- ZAMORA VICENTE, Alonso (1943): «El habla de Mérida y sus cercanías», en *Revista de Filología Española. Anexo XXIX*. Madrid, CSIC.
- (1996): *Dialectología española*. Madrid, Gredos.